

URGÊNCIAS DE UM TEMPO E PASSAGENS DE UMA CIDADE: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA SAÚDE PÚBLICA DE NITERÓI

*Paula Cruz Azevedo da Silva¹
Danichi Hausen Mizoguchi²*

RESUMO

O presente artigo visa apresentar os percursos de uma pesquisa de mestrado voltada para os modos pelos quais a loucura se performatiza pela cidade de Niterói-RJ. Levou-se em consideração o sucateamento vivenciado nos cotidianos de trabalho e o modo como isso acontece naquele município. Com o apoio de autores como Michel Foucault e Eduardo Coutinho, buscou-se articular conceitos sobre experiência, ficção e verdade, levantando problemas contemporâneos e dialogando com imagens que possam dar um diagnóstico do momento atual. Outros estudos, como os de Mia Couto e Ailton Krenak, levaram-nos a concluir que o enfrentamento ao cenário atual requer um resgate das narrativas que nossos antepassados deixaram como legado de resistência à desvalorização da vida.

PALAVRAS-CHAVE: *loucura, ficção, sucateamento, experiência, cidade.*

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social. Especialização em Psicanálise e Saúde Mental pela UFF. Psicóloga na Fundação Municipal de Saúde de Niterói, atuando no Ambulatório Ampliado de Saúde Mental Pendotiba. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0001-8028-1989>. Email: paulaazevedopsi@gmail.com.

² Psicólogo. Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0002-7147-3521>. Email: danichim@hotmail.com.

**EMERGENCIES OF A TIME AND PASSAGES OF A CITY:
EXPERIENCES AND CHALLENGES IN PUBLIC HEALTH IN NITERÓI**

ABSTRACT

This article aims to present the pathways of a master's research focused on the ways in which madness is performed in the city of Niterói-RJ. The scrapping experienced in daily work and the way this happens in that municipality was taken into account. With the support of authors such as Michel Foucault and Eduardo Coutinho, we sought to articulate concepts about experience, fiction and truth, raising contemporary problems and dialoguing with images that can provide a diagnosis of the current moment. Other studies, such as those by Mia Couto and Ailton Krenak, led us to conclude that facing the current scenario requires rescuing the narratives that our ancestors left as a legacy of resistance to the devaluation of life.

KEYWORDS: *madness; fiction; scrapping; experience; city.*

INTRODUÇÃO: ANDANÇAS E RUÍDOS

Ouvir os helicópteros da PM pairarem sobre as comunidades das redondezas do Largo da Batalha em Niterói pode produzir uma imagem diferente da que os passantes habitualmente experimentam. A imagem panorâmica vista do alto contempla vários ângulos, o que dá uma perspectiva diferente ao lugar, mas estabelece uma distância. O sobrevoo aquece as turbinas de um olhar totalizador, que se coloca na contramão do que se quer apostar aqui. Como disse Donna Haraway, “todas as perspectivas cedem passagem a uma visão infinitamente móvel, que parece ser não mais apenas a respeito do truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum” (HARAWAY, 1995, p. 19).

Conceitos que não se vinculam a uma história e se descolam da realidade, como os que produzem uma replicabilidade, tornam-se práticas de “uma linguagem que é feita para que não caiamos” (LARROSA, 2014, p. 100). Não cair ou não experimentar o desassossego de uma história que nos interpele parece ter relação com uma certa prevenção ao outro, para que algumas certezas não sejam colocadas em perigo. Tem sido comum encontrar especialistas por todos os lados, a certeza é sobre tudo e todos. Basta acessar o link do Google para ter a resposta, ou mesmo assistir àquele vídeo sem referência que diz como você deve dormir, comer, se exercitar, que te deixa com opinião sobre política, sobre saúde, sobre causas sociais. Difícil é encontrar alguém que não saiba sobre algo, quando vivemos uma derrocada do diálogo e um estado de opiniões formadas.

A imagem panorâmica colocada inicialmente justifica-se tão somente para ser desfeita, para dar lugar a outra possibilidade, para caducar num instante em que aqui fazemos um esforço de aproximar a lente. Mas voltemos atrás, um passo que seja, já que a lente de uma lupa é objeto que aproxima. Contudo, é importante argumentar também que uma imagem tão ampliada corre o risco de ficar embaçada e perder o foco; por outro lado, a lente de uma lupa é símbolo emblemático de investigação. Nem uma presença distanciada, nem uma aproximação que nos faça perder a imagem, qual a medida?

Pesquisar sem estarmos numa distância que nos coloque neutros, pesquisar sem que a aproximação bata martelo de investigador, qual o limite, qual a medida? Investigar uma ação, esquadrihar uma cena também nos distancia da cena, já não estamos mais por completos embebidos em uma sociedade disciplinar, como aponta Deleuze em *Pós-scriptum* sobre as sociedades de controle (1992), mas também há de se ter um certo cuidado para não se viver a cena tal como capturada em tempos de controle a céu aberto. Inventar saídas pelas

quais não sejamos capturados, de maneira que não seja possível produzir aberturas no próprio tempo, torna-se urgente.

REALIDADE OU FICÇÃO?

No documentário *Jogo de cena*, de Eduardo Coutinho (2007), paramentado por apenas duas cadeiras no palco e pela presença de duas pessoas sentadas uma de frente para a outra, desenrola-se a construção dos personagens. A projeção das vozes, o ruído da respiração, o sussurro de uma queixa, o efeito de uma risada fazem com que o espectador mergulhe em mundos completamente distintos e com que qualquer adereço se torne dispensável. O cenário é corpo, presença, fala, voz, histórias e verdades.

Essa produção começa quando Coutinho coloca um anúncio no jornal à procura de mulheres que estejam dispostas a contar suas histórias de vida. Feito isto, ele grava os depoimentos e apresenta as gravações às atrizes convidadas, solicitando-lhes que encenem as falas como se fossem suas próprias histórias. No trabalho de edição, Coutinho mistura as histórias originais às interpretações, o que dilui de maneira fortíssima as fronteiras entre o real e o ficcional e produz, inicialmente, um embaraço no espectador, levando-o a pensar que se trata realmente de histórias reais compartilhadas. As atrizes interpretam experiências de vida de tal maneira que, para o espectador, até determinado momento, não fica claro se elas estão atuando ou se, de fato, teriam passado por aquilo. Contudo, num segundo momento, fica claro que Coutinho não parece interessado em confundir o espectador, já que a atriz que está no palco encerra a sua fala dizendo: “Foi assim que *ela* contou a história”, e a virada surpreende.

O que parece é que Coutinho está muito mais interessado em uma lateralização de duas discursividades: o real e o ficcional. As narrativas orais do documentário recuperam elementos fundamentais da trajetória desse diretor, que parece questionar o próprio gênero documental a partir da linha sutil que estabelece entre este gênero e o ficcional, o das performances. E quem contracena com as mulheres agora é o próprio Eduardo Coutinho, colocando em jogo também seu processo de trabalho, fazendo pausas, perguntas e intervenções. Há nas conversas o “real” do ficcional, em que a ideia da representação é posta em xeque.

É importante registrar que Eduardo Coutinho é conhecido também por outras produções, como *Edifício Master* e *Babilônia 2000*. Consuelo Lins, cineasta e escritora,

trabalhou com ele, e em seus estudos ela discorre sobre pontos fundamentais dessa produção, como no artigo “O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte no presente” (LINS, 2002). Aqui ela destaca um aspecto importante que norteou o método do cineasta: o ato da palavra, ou melhor, “a palavra em ato”. Com essa afirmação, Lins ganha terreno para desdobrar o que a palavra produz enquanto acontecimento no presente. O que marca a palavra em ato não se confunde com explicações, a palavra ali não tem a função de esclarecer, tampouco solucionar qualquer problema. Ao contrário, a palavra, tal como o ato, produz tensão: não promete nada, a não ser a sua própria enunciação.

Marcadamente influenciado pelas leituras de Walter Benjamin, cujo trabalho se assenta na experiência, Coutinho trabalha sob uma posição na qual o seu interesse se localiza na narrativa posta em jogo, onde, de forma alguma, ela ganha estatuto de explicação; trata-se, nas palavras dele: “de entender as razões do outro sem lhe dar razão” (LINS, 2002, p. 49). A posição que Coutinho assume no documentário *Jogo de cena* (2007) ajuda a encaminhar a produção de uma fala que parte de um ponto que é fundamental: de que o outro é diferente dele, e só se posicionando nesse lugar as narrativas tomam estatuto de acontecimento nessa relação. Não interessa a veracidade dos fatos; aliás, parece que ele não está interessado nos fatos, e sim no que pode ser inventado ali, pois o processo de fabulação incorporado por quem endereça a palavra toma estatuto de acontecimento³ e produz efeitos tanto em quem contracenava como no espectador. Tudo o que se incorpora a essas narrativas assume lugar na escuta, ou seja, algo nas cenas aponta para a singularidade dos personagens; entre quem fala e quem escuta, algo se cria, se inventa. O silêncio de Coutinho muitas vezes abre esse hiato onde se permite que algo seja dito e não explicado.

A dimensão espacial, característica do documentário *Jogo de cena* (2007), revela e demarca um momento importante na produção de Coutinho, já que o palco do teatro é o lugar onde o encontro acontece, diferente de suas outras produções, que eram filmadas em espaços geográficos marcados por determinados contextos – sociais, arquitetônicos, estruturais. Tanto o espaço quanto o ato tornam-se fundamentais no processo, e Consuelo Lins nos ajuda a ir mais fundo: “É o princípio da locação única que permite estabelecer

³ Benjamin (1987) recorre ao pensamento do dramaturgo Brecht para ajudar a pensar o lugar da narrativa. Brecht traz uma outra concepção de teatro, bem distinta do teatro em voga na época. Se o teatro convencional operava a partir de um apelo ao público que o assistia, no teatro de Brecht há uma forte proposta de intervenção que se dá pela via do estranhamento. Brecht não propunha que o espectador se identificasse, mas que algo ali pudesse ser cortado e o espectador pudesse experimentar algo inventivo. O teatro para ele, então, não poderia estar pronto antes do acontecimento, como uma representação, ou seja, nada estava dado. A lógica proposta por Brecht estava em que os atores pudessem se posicionar no instante do acontecimento.

relações complexas entre o singular de cada personagem, de cada situação e algo como um estado de coisas que vivemos hoje” (LINS, 2002, p. 44). Um presente impuro, ela nos diz. O enfrentamento à saturação da palavra nas vias televisivas, a indagação sobre como inaugurar uma palavra em imenso e farto arsenal de clichês, são algumas das questões que a autora levanta no seu texto para encaminhar que o próprio processual das filmagens resgata esse processo singular dos depoimentos – a palavra é ato (LINS, 2002, p. 45), e emerge do encontro.

Na segunda hora da aula do dia 10 de fevereiro de 1982, no curso a *Hermenêutica do sujeito* (FOUCAULT, 2006), a relação do sujeito com a verdade segue com mais destaque na pesquisa de Michel Foucault e anuncia um problema no qual ele pretende se deter, certamente um problema que teve ressonância ao longo de sua vida. Ele questiona: “Como se estabelece, como se fixa e se define a relação entre o dizer-verdadeiro (a veridicção) e a prática do sujeito?” (FOUCAULT, 2006, p. 281). De outra forma, nos perguntamos: como o governo de si e dos outros e o dizer-verdadeiro se vinculam e se relacionam? E, aqui, nos perguntamos: como a ficção pode dar visibilidade à saúde mental?

O trabalho de retorno à antiguidade feito por Foucault dispara análises acerca das formas pelas quais o sujeito estabelece uma relação consigo e o que viria a ser, então, a experiência de si e a relação com a verdade – e é importante lembrar que o tema sobre o conhecimento do homem já se fazia presente na filosofia dos cínicos,⁴ epicuristas e estóicos. No caso dos primeiros, a filosofia era interpretada como um preparo para a vida, um modo de ocupar-se de si antes de qualquer coisa; cuidar-se de si mesmo aparece de variadas formas nos cínicos, trazendo o lugar da veridicção não só como um problema, mas como um modo de vida. Ocupar-se de si tinha, portanto, relação direta com a utilidade daquilo que podia fortalecer a existência. Enfim, não bastava se aproximar de conceitos, do requinte com as palavras, da natureza, das ciências, se estas não pudessem ter efeitos na vida. O conhecimento vinculado ao cuidado de si experimentava uma relação emergente com a vida.

⁴ Um ponto levantado por Foucault (2011) refere-se à questão de a vida ser colocada incessantemente pelos cínicos sob uma forma que se diria ‘audaciosa’, questão essa que foi sofrendo um certo apagamento pela filosofia ocidental e sendo cada vez mais indexada ao discurso científico. E a própria questão da verdade, da relação com a verdade, foi se manifestando a partir do saber científico.

Foucault (2006, p. 290) faz questão de reiterar que essa distinção em relação ao conhecimento está no modo do saber, mais precisamente “no seu ethos”.

Os gregos tinham termos interessantes, variados, que se desdobravam da palavra *ethos*, e pareceu ainda mais necessário estabelecer que a divisão produzida no campo do saber que definiria o conhecimento como inútil ou útil era exatamente o caráter “etopoiético” (FOUCAULT, 2006, p. 291) do saber. Este referia-se à dimensão relacional do saber, que possibilitava uma transformação da relação consigo, e assim implicava a produção de um *ethos*.

Esse modo de funcionamento, esse modo etopoiético, não estaria em oposição aos demais saberes, mas consistia em um saber que se articulava à prática de si. Por outro lado, na Grécia antiga, havia aqueles que usavam o saber para se vangloriar, e isso tinha seu lugar entre os gregos, lhes garantindo até valor positivo. “Paidéia era uma espécie de cultura geral necessária ao homem livre” (FOUCAULT, 2006, p. 292), ou seja, aquele que tomava uma posição de orgulho com o saber da cultura. Epicuro, por exemplo, recusava a ideia da *paideia*, dizendo que se tratava de uma cultura fanfarrona, na qual a intenção era a de ser enaltecido pelo povo grego. Havia então uma distinção entre *physiología* (FOUCAULT, 2006, p. 293) e a *paideia*; a primeira se tratava de um preparo: *paraskeuázei*, e o preparo, por sua vez, se tratava de uma equipagem, uma atitude pela qual o sujeito se aparamentava e se utilizava de ferramentas para passar pelas circunstâncias da vida, e o que permitiria um certo tipo de resistência em relação ao que é demandado do mundo exterior – ousadia e coragem cabiam bem à noção de *physiología*.

Foucault, através de seus ensinamentos, não se cansou de nos surpreender ao encontrar maneiras de diagnosticar o presente e subverter configurações dadas como estados terminais. Atuar nas forças do presente requer um tanto de coragem, e as últimas aulas de Foucault no Collège de France foram dedicadas ao estudo da *parresia*, obra que viria a ser chamada de: *A coragem da verdade* (FOUCAULT, 2011). Há nesse trabalho um certo empenho em elencar teoria e prática, em aproximar a verdade e a vida; é nele que o pensador retoma o tema da verdade, que foi analisado como o “tipo de ato pelo qual o sujeito dizendo a verdade se manifesta, querendo dizer com isso que representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4). Não se trataria, no entanto, de dizer ou mesmo analisar as formas como um discurso é reconhecido como verdadeiro, mas sim, ele acrescenta, “sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se

constitui e é constituído pelos outros como um sujeito que pronuncia um discurso de verdade [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 4).

A relação com a verdade não pretendia estabelecer um discurso engessado sobre si ou sobre os outros, mas mostrar como uma espécie de preparo poderia precipitar a relação entre a verdade e a vida. Havia um vínculo entre a parresia e a coragem, já que dizer a verdade era assumir um certo risco, tanto por parte daquele que a enunciava como daquele que a ouvia. Este era o jogo parresiástico, esse preparo, essa técnica, passagem feita de um saber pela causa a um saber para vida:

A parresía, é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve (FOUCAULT, 2011, p. 13).

As histórias do documentário de Eduardo Coutinho tomam estatuto de verdade; a história não é neutra, nunca foi. Quem conta traz uma implicação e se posiciona em tal ou qual lugar. Daí advém o nosso compromisso com a história. Os lugares vivenciados na saúde mental são inúmeros, há de se tatear aqui “o pessoal como político” e a ficção como verdade.

Movimentação, calor. O sol do dia 18 de maio de 2017 fazia o suor escorrer pelas testas. O terminal de ônibus no centro de Niterói é um lugar cheio. *Containers* de lojas de doces, açai, farmácia se alojam de um lado e de outro. No meio concentram-se os inúmeros *stands* que vendem todo tipo de coisa, parece fácil encontrar por ali um coletor de ralos de pia ou uma pilha para o controle remoto, a promoção de italiano com suco então nem se fala. O ponto de encontro do terminal é o lugar onde alguns aguardam alguém que está por vir. Uma criança chora pedindo um pouco mais do sorvete de casquinha, que escorreu por seus bracinhos antes mesmo que ela terminasse de tomá-lo. Um rapaz de músculos exuberantes deixa à mostra por entre a sua camiseta customizada de tiras finas o trapézio bem desenhado, e com seu *headphone* balança a cabeça, parecendo seguir no embalo do som que lhe acompanha, alheio ao tumulto, ao barulho e à correria. Me abaixo para amarrar o meu cadarço, já algum tempo frouxo; num instante olho as dezenas de pernas que se embaralham e levanto em seguida, olhando de novo o tumulto dos corpos. A voz em seguida parece me fazer voltar outra vez ao meu corpo: “Vamos?”. Seguimos caminhando, até que uma senhora

e um jovem põe a mão no meu ombro: “Moça, vim da central com meu neto ‘vê’ trabalho aqui, mas perdi a bolsinha de dinheiro, me ajuda com a passagem de volta?”. Mexo nos bolsos, dou os centavos do troco que recebi e volto a seguir. “Hoje tá fazendo um sol pra cada um”, diz uma colega de trabalho.

O ponto de encontro do terminal é ponto de parada para nos reunirmos e seguirmos pelo já tão famoso Caminho Niemeyer. O furdução da passagem contornada pelas dezenas de pontos comerciais vai dando lugar à brisa da Baía de Guanabara, o sopro perto da orla ainda vem quente, mas pelo menos circula. Chegamos, finalmente. O grupo dispersa, encontra conhecidos, amigos, abraços apertados, reencontros, risadas. Alguns observam o movimento que há pelas mesas. O som vibra com a música que toca, alguns já se mexem pela pista de dança, balanços desritmados, outros aproveitam o vento bem pertinho do mar. O cheiro da maresia toma conta. Os cartazes colorem o espaço, nos faz lembrar o propósito de estarmos todos por ali: “por uma sociedade sem manicômios”.

O entardecer abre espaço para as luzes lampejantes. Gestos que aproximam os corpos, corpos que se aproximam de gestos. “Cheguei, cheguei chegando bagunçando a porra toda...”, a voz de Ludmila embala o concurso do melhor pé de valsa, alguém diz. Na pista de dança, os corpos estremeçam, qualquer jeito é jeito de dançar. A vista bonita do sol caindo pela Baía de Guanabara, o jogo de luz e o espaço amplo dão lugar à comemoração do dia da luta antimanicomial. O embalo parece ser motivado menos pela disputa de quem é o melhor na pista de dança do que pela alegria.

Foi num dia desses de tempo nublado, mas abafado. 18 de maio de 2018. De um ano para o outro, recolhemos os efeitos de 2017. A chuva esperada por ali caía rala. A pouca distância do centro faz estranhar os raros passantes por aquelas redondezas para que pudesse pedir uma informação, demoro um pouco para achar o lugar. A rua, pouco convidativa ao encontro, chamava a atenção. Os carros na frente de um galpão transmitem a sensação de lugar ermo. Se Manoel de Barros por acaso cruzasse a faixa de pedestres por aqueles cantos, talvez nos alertasse que: “Não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar” (MIZOGUCHI, 2009, p. 43). De trás dos carros surgem uns rapazes, que informam por onde é possível entrar. Do outro lado do valão está o portão azul, dou a volta no guarda-corpos para chegar até lá. Estranho a rua, estranho

o lugar, mas entro. No chão da quadra antiga a tinta já falhada ainda mantém contornos da logo ali pelo chão: AFTA E - Associação Fluminense dos Trabalhadores de Água e Esgoto. Entro e logo me deparo com alguns rostos conhecidos e algumas mesas espalhadas; poucas pessoas em relação ao ano anterior, penso comigo. O clima parecia mais apagado, não havia o mesmo gás da festa do ano anterior, comemorado com tanta força e alegria. A música tocava, alguns poucos se mexiam timidamente, estava estranho. Logo que encontro uma colega de trabalho, pergunto-lhe retoricamente: por que este ano decidiram fazer a festa da luta aqui? Sempre foi no Caminho Niemeyer! Ela me responde: também não entendi!

A chegada ao lugar causava não só estranhamento, mas curiosidade, não pelo deslocamento em si, mas pelo afastamento do centro, inicialmente. O encontro próximo ao terminal de ônibus facilitava o acesso, além de ser um espaço amplo, com uma vista bonita. Mas tudo bem, afinal, a festa se fazia pelo encontro, o lugar talvez não importasse. Achei curioso esse deslocamento, mas talvez não fosse tão estranho essa mudança ocorrer exatamente no ano de 2018. Emblemático também é o fato de ser justamente numa associação de tratamento de água e esgoto. Mas esses podiam ser só pensamentos vagos e excessivamente desconfiados, julgar que o lugar para a comemoração demonstrava um certo desdém com a luta antimanicomial. Afinal, poderia ter sido um momento de descontração, mas os pensamentos surgiam como um alerta. Me perguntava: quem autoriza o lugar para a festa? Como isso aconteceu? A organização espacial certamente marcava ali uma disputa, nada está dado ou garantido: “A luta para que mais pessoas estejam disputando o espaço e o sentido das coisas é permanente e infundável” (AMADO; MIZOGUCHI, 2020, p. 288).

A comemoração estava enfraquecida, a chuva não ajudava. Poucas pessoas, pouco barulho, pouca dança. Por outro lado, eu pensava, a luta antimanicomial é uma luta diária, esse é um dia representativo, mas a luta mesmo se faz no dia a dia, nos encontros, nas passagens, numa conversa e outra, mas ainda assim a comemoração não era menos importante. Ir ou ficar? Fico um pouco mais. Logo a festa se dispersava, o espaço se esvaziava, poucas pessoas ficavam por ali. Decido ir embora também, e, com o mesmo incômodo que senti ao chegar, parto.

O precário é íntimo, algo já conhecido no dia a dia da saúde mental, da saúde. Íntimo, mas estranho. A festa, mesmo que caída, acontecia, mas a festa não resolvia, não resolve: “Nenhum movimento isolado garante a retomada de direitos e políticas antimanicomiais, mas juntos compõem um regime” (AMADO; MIZOGUCHI, 2020, p. 294), regime que aqui ousou chamar de sucata, ato de disputa, ocupação, disponibilidade. O modo pelo qual os

corpos antimanicomiais afirmam a relação com o território determina a relação com a luta, é campo incessante de disputa, espaço aberto e de movimento, de possíveis alianças, de corpos em aliança (BUTLER, 2018).

Brasil 2022. Quarta onda da Covid-19, agora mais branda, embora continue matando. O petisco é instagramável, a via é híbrida e o sorriso também. A cidade se movimenta, os bares estão cheios, festival de churrasco no Caminho Niemeyer, a carne está cara. E a carne mais barata do mercado é a carne negra (SOARES, 2002). Festival de esporte em Itacoatiara. Em São Francisco tem maratona de shows; Nando Reis, Marcelo D2, Dj Malboro se apresentam no Caramujo. A comunidade do Preventório, em Charitas, agora está mais perto das praias, Piratininga, Camboinhas, talvez até Itacoa, famosa pedra riscada em tupi-guarani. E, a propósito, as linhas de ônibus mudaram seus trajetos e reduziram algumas frotas. O baldeador-52a Charitas passa a circular apenas em dias úteis e em horários de pico: no início da manhã e no final da tarde. A linha 54a, que faz Sapê-Piratininga, também. A quem interessa a mudança das rotas da “Cidade Sorriso”?

O desfile dos blocos oficiais e não oficiais não foi permitido, só as festas fechadas, privadas, o carnaval é *fake*. O carnaval insiste, os blocos não oficiais aconteceram, sem banheiro, sem policiamento. Uma colega da oficina de percussão alerta no grupo do Whatsapp: “Porra, galera, carnaval é durante o dia, a noite tá foda, tá perigoso, tá sinistro, tá abandonado...”. Logo corre o *link* do post de uma moça que foi atingida com bala de borracha por um morador que se incomodou com o cortejo da Praça Paris.

Junho avança com novos casos de Covid-19, sintomas mais brandos, mas a fila da testagem passa o valão da pracinha do Largo da Batalha, quem não conhece diria que a fila está grande. Ainda em meio a uma pandemia, com mortes intermináveis, a Rússia irrompe uma guerra. A Ucrânia é o alvo, é alvejada – agora a pandemia mata menos, a guerra mata mais. O jovem Tobias, jogador de futebol recém-contratado pelo Shakhtar da Ucrânia no *transfermarkt*, em uma transação de milhões, nem chega a jogar pelo time, é liberado pela CBF para atuar em outro país. Enquanto isso, o rol taxativo da ANS⁵ é aprovado, em

⁵ O rol taxativo da ANS é uma lista de referência básica para cobertura mínima obrigatória dos planos de saúde, estabelecendo serviços médicos que obrigatoriamente devem ser oferecidos de acordo com cada plano de saúde.

juízo finalizado no dia 8 de junho do corrente ano, e não obriga mais as operadoras de saúde a cobrirem tratamentos que não estejam na listagem. Passou, sempre passa, “com o Supremo com tudo”.⁶ A Unimed comemora, a comemoração viraliza, a empresa se retrata, mas só escancara o óbvio: a saúde já é mercadoria há muito tempo.

Qual é o limite da linha que bordeia as dimensões entre o público e o privado? Uma questão como essa tomada no contexto de um serviço público gera a seguinte reflexão: o que seria dizer que um serviço exerce uma função pública de fato?

Tratar essa dinâmica pela via do acontecimento, ou mesmo pela imanência, e encaminhar com ela uma resposta seria trabalhar com duas linhas que não se separam, embora cada uma exerça sua respectiva força de tração.

Já faz algum tempo que acompanho o grupo do fórum dos trabalhadores, entendendo este espaço como entidade representativa de um coletivo de servidores. As dimensões entre público e privado se conectam intimamente com a ideia de disputa. O que acontece ultimamente é um enfraquecimento da participação neste espaço por parte de um coletivo profissional, e me incluo nisso. O que parece explicar ou pelo menos indicar um cansaço, um desânimo daqueles que dia após dia parecem fazer com que os trabalhadores sejam vencidos pelo sucateamento; a mortificação parece vir pelo cansaço. Poderíamos extrair disso algo como: o que seria então a batalha dos vencidos?

No grupo do Whatsapp do fórum, a comunicação resiste, e talvez possamos apontar este meio como um canal, como ferramenta mínima de contágio. É por ali que os trabalhadores se comunicam, é fato. É por essa ferramenta também que uma eleição foi vencida, através do disparo de *fake news*. A faca é de dois gumes. Dá para perceber a força de contágio e de propagação das mensagens instantâneas. É por ali, ainda, que circulam as inúmeras denúncias em relação ao processo de condução das conferências que não passaram pelo coletivo, ou seja, as conferências que não tiveram representatividade.

Estamos próximos da quinta Conferência Nacional em Saúde Mental, a ser realizada em novembro de 2022, um encontro que é precedido de etapas estaduais e municipais em

⁶ Esta frase faz referência à fala do ex-senador Romero Jucá durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

todo o Brasil, e o que parece estar acontecendo em Niterói é um encaminhamento de pautas, sem necessariamente uma construção coletiva, pública.

O compilado de propostas segue sem a representação daqueles que realmente deveriam estar à frente: os usuários e trabalhadores. Solicitada resposta em relação à construção do processo, a secretária do conselho Municipal⁷ justificou, em relação à conduta, que os GTs⁸ teriam o status de conferência livre⁹ e, sobre a representação, alegou o fato de ter na equipe de apoio à comissão do conselho a representação dos trabalhadores. Já acerca dos nomes que foram para a estadual ela disse ter havido uma indicação da AUFANIT,¹⁰ sendo um do fórum e um do CAPS. Em contrapartida, as informações chegam com uma certa surpresa no grupo do fórum, o que nos alerta sobre um processo não transparente. Adiada algumas vezes, a gestão sustenta que ainda haverá conferência livre. E afirma, então, que dessa conferência sairão as propostas em forma de moção para complemento do que já foi. Quem participou da regional em março? Os representantes de usuários e de profissionais foram definidos em quais instâncias de participação? Não há respostas.

Junho de 2022. Na câmara dos vereadores acontece a audiência pública conjunta dos mandatos do vereador Paulo Eduardo Gomes e Tarcísio Motta e a frente parlamentar em defesa da saúde mental e da luta antimanicomial da ALERJ, presidida pelo deputado estadual Flávio Serafini. O fórum dos trabalhadores tenta movimentar a discussão sobre as lacunas das conferências e a questão da divisão da gestão em relação à Raps em Niterói, algo que tem deixado alguns serviços desamparados. Os CAPS, as residências terapêuticas e o centro de convivência possuem uma determinada gerência, os ambulatórios outra, e o hospital psiquiátrico de Jurujuba outra. A própria divisão da gestão aparece durante a audiência, tendo comparecido apenas a gestão dos CAPS e RTs. As lacunas continuam.

Espaço e tempo narram a política de sucateamento. É intencional, ainda que possa não ser diretamente maquinado, por exemplo, o deslocamento territorial da festa da luta

⁷ Órgão colegiado, deliberativo e permanente do Sistema Único de Saúde (SUS) em cada esfera de governo. Faz parte da estrutura das secretarias de saúde dos municípios, dos estados e do governo federal.

⁸ Comissões e grupos de trabalho não são deliberativos, nem normatizadores. Seu papel consiste em discutir e articular as políticas, normas e programas das instituições e setores de interesse do Sistema Único de Saúde, como também submetem ao pleno do CNS as suas recomendações. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/gtssss.htm>

⁹ Trata-se de uma etapa preparatória para as conferências municipais, estaduais e nacional.

¹⁰ Associação dos usuários, familiares e amigos da saúde mental de Niterói

antimanicomial de 2017 para 2018, ou mesmo o processo de condução das conferências para as propostas em saúde mental, ou, ainda, a divisão da gestão em saúde mental, que causa lacunas, burocratiza demasiadamente e distancia os trabalhadores e usuários.

A distância das lacunas, as respostas aleatórias e a divisão da gestão, que parece corresponder aos dois contextos anteriores, produzem nos trabalhadores e usuários um efeito de cansaço, de apatia, e, no limite, oferecem a ambos o assento de espectador daquilo que nos interessa radicalmente. A essa altura deveríamos estar nos perguntando: como combater? Ou talvez: como mobilizar ações que tenham efetivamente algum impacto na gestão?

Enquanto isso as clínicas populares ganham espaço, os planos de saúde comemoram o enxugamento de determinados tipos de tratamento, os trabalhadores perdem os vínculos de trabalho tornando-se RPAs.¹¹ O compromisso continua como sempre do lado do trabalhador, é ele que continua trabalhando mesmo quando os salários estão atrasados e reduzidos, mesmo sem respostas e sem garantias.

E quando chegar o amanhã? O amanhã será o mesmo de hoje? A crise pandêmica exacerbou a urgência de que um amanhã chegasse diferente, sem mortes, quase efeito de um milagre. Talvez tenha ficado de lado o modo como lidamos com o hoje, com o ontem. A pandemia parou o mundo, e no dia seguinte tivemos guerra, precarização da saúde, violência obstétrica, nepotismo na saúde pública.¹²

PISTAS SOBRE O HOJE

“Nós nos acostumamos com essa ideia, que foi naturalizada, mas ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano” (KRENAK, 2019, p. 2). Desnaturalizar o sentido do humano e pensar que humanidade queremos talvez seja tão importante quanto perguntar: o que a terra quer de nós como seres humanos? Não é mais possível falar sobre saúde mental sem nos perguntarmos o que fazemos de nós nesse “tempo chamado rio” e nessa “casa chamada terra”.¹³

¹¹ Recibo de pagamento autônomo. Esse tipo de pagamento exclui qualquer tipo de vínculo entre trabalhador e contratante, o que deixa o contratante isento de qualquer compromisso trabalhista.

¹² <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/niteroi/noticia/2022/07/ministerio-publico-aponta-nepotismo-em-nomeacoes-na-secretaria-de-saude-de-niteroi.ghtml>

¹³ Aludimos ao livro de Mia Couto (2003) intitulado *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

Entendemos, hoje, que a disputa de narrativa sobre o nosso povo, sobre a conservação da biodiversidade, sobre território, enfim, sobre as consequências do que temos entendido como ser humano, tem se esgotado. A terra, por sua vez, responde, manifesta a urgência de convivemos de outras formas que sejam menos degradantes. É urgente formular novas narrativas tendo como norte o que nossa casa pode suportar de nós. A ficção traz o rigor da verdade, é preciso ficcionar outras formas de conviver, retomar o que nossos antepassados de forma tão vivaz nos ensinaram sobre a tradição da transmissão oral. A decadência do diálogo, as polarizações partidárias e o golpe das *fake news* têm nos mostrado que não é possível mais esperar o amanhã chegar. Hoje podemos dizer que encaminhamos algo nessas eleições em nível democrático, mas a luta continua, e a luta é sempre do “hoje”.

Sobre o artigo:

Recebido: 12 de dezembro de 2022

Aceito: 18 de setembro de 2023

REFERÊNCIAS

- AMADO, L.; MIZOGUCHI, D. Democracia e luta antimanicomial: imagens de uma disputa incessante. **Argumentum**. Espírito Santo: UFES, 284-295, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v12i3.30448>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- BENJAMIN, W. Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 79-90.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.
- COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 2.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LINS, C. L. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte no presente. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 61-81, 2002.
- MIZOGUCHI, D. H. **Segmentariedades: passagens do leme ao pontal**. São Paulo: Plêiade, 2009.
- SOARES, Elza. A carne. *Youtube*. 2002. 4min49s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>. Acesso em: 14 mar. 2022

FILMES

- JOGO DE CENA. Documentário. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. 1 DVD (105 min).